

ESCOLA DE GUERRA NAVAL
CC ALESSANDRO FIGUEIREDO CARDOZO

O AMBIENTE INFORMACIONAL E AS AMEÇAS HÍBRIDAS:
conflito entre o *Hezbollah* e Israel em 2006.

Rio de Janeiro
2023

CC ALESSANDRO FIGUEIREDO CARDOZO

O AMBIENTE INFORMACIONAL E AS AMEÇAS HÍBRIDAS:

conflito entre o *Hezbollah* e Israel em 2006.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Alexandre Tito dos Santos Xavier

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2023

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Ao Capitão de Mar e Guerra (RM1) Alexandre Tito dos Santos Xavier pelas orientações precisas, envolvimento com o trabalho e por me manter motivado na busca pela excelência.

Quero também expressar meu profundo agradecimento à minha esposa, Juliana, e aos meus filhos, Carolina, Antonio João e Daniel. O amor, apoio incondicional e compreensão que recebi de vocês ao longo dessa jornada foram essenciais para o meu sucesso. Sou grato por ter uma família tão admirável ao meu lado.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo abordar as influências das ameaças híbridas no ambiente informacional, utilizando como exemplo o conflito ocorrido entre o grupo paramilitar *Hezbollah* e Israel em 2006. Para embasar a análise, foi adotada a metodologia "Teoria versus Realidade", fundamentada pela obra "*Conflict in the 21st Century: the rise of Hybrid Wars*" do Tenente-Coronel Frank G. Hoffman (2007), pertencente ao Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América. O estudo focalizou as estratégias, ações e narrativas adotadas pelo *Hezbollah* contra Israel durante a segunda guerra do Líbano. A pesquisa está organizada em capítulos, que abrangem, introdução ao tema; evolução do conceito de guerra híbrida; origem do grupo paramilitar; e conflito entre os beligerantes. Bem como uma análise do impacto das ameaças híbridas no ambiente informacional. Adicionalmente, foram apresentadas possíveis sugestões para as Forças Armadas enfrentarem tais desafios e, finalizando, com a constatação de que a influência das ameaças híbridas no ambiente informacional é uma realidade cada vez mais presente e incontestável.

Palavras-Chave: guerra híbrida; ameaças híbridas e ambiente informacional

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CRI -	Capacidades Relacionadas à Informação
Hybrid CoE -	<i>European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats</i>
IA -	Inteligência Artificial
IDF -	<i>Israel Defense Forces</i>
OLP -	Organização para a Libertação da Palestina
ONU -	Organização das Nações Unidas
OTAN -	Organização do Tratado do Atlântico Norte
UE -	União Europeia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	TEORIA E EVOLUÇÃO DA GUERRA HÍBRIDA	10
3	O <i>HEZBOLLAH</i> E O CONFLITO COM ISRAEL	19
3.1	Segunda Guerra do Líbano em 2006	22
4	A INFLUÊNCIA DAS AMEAÇAS HÍBRIDAS NO AMBIENTE INFORMACIONAL	28
5	ENFRENTAMENTO ÀS AMEAÇAS HÍBRIDAS NO AMBIENTE INFORMACIONAL	35
6	CONCLUSÃO	37
	REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

No passado, os conflitos se caracterizavam pelo predomínio de estratégias que se fundamentavam na utilização da força física e na conquista territorial. Entretanto, diante do progresso tecnológico e das transformações ocorridas nos sistemas sociais e políticos, as guerras evoluíram, demandando uma nova adaptação das estratégias bélicas às novas conjunturas que se estabeleceram. Por essa razão, as estratégias de guerra tiveram que se adaptar e considerar não apenas o uso da força física, mas também aspectos como a diplomacia, a cibersegurança, o controle da informação e a influência sobre as percepções públicas, demonstrando a necessidade de uma visão mais holística e atualizada no enfrentamento dos desafios contemporâneos.

Dessa maneira, verifica-se que o progresso tecnológico ocorrido, notadamente, a partir do início deste século, propiciou inúmeras vantagens militares. No entanto, junto com esses benefícios, surgiram novos desafios, especialmente no que diz respeito à exploração do ambiente informacional. À medida que a tecnologia avança, os atores mal-intencionados se adaptam de maneira perspicaz e refinada, aprimorando, de forma contínua, as suas estratégias com o propósito de explorar e identificar as fragilidades dos seus oponentes. Nessa conjuntura, surge um conceito, que será abordado nesta dissertação, denominado guerra híbrida.

A primeira definição registrada do termo guerra híbrida foi concebida no artigo intitulado "*Conflict in the 21st Century: the rise of Hybrid Wars*", elaborado em 2007 pelo Tenente-Coronel Frank G. Hoffman, membro do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América. Nesse estudo, Hoffman (2007) destaca que a guerra híbrida engloba diferentes tipos de guerra, incluindo capacidades convencionais, táticas irregulares e atos terroristas. Todavia, percebe-se que ainda não há um consenso absoluto sobre a definição desse termo, uma vez que alguns autores argumentam que essa forma de conflito sempre esteve presente ao longo da história, remontando a tempos tão antigos quanto a própria guerra, citando a batalha de Tróia como um exemplo. Por outro lado, há uma corrente que sustenta que a guerra híbrida é uma manifestação contemporânea e recente, surgida no início do século XXI, logo após os atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001.

No ano de 2014, em decorrência das ações empreendidas pela Rússia na Crimeia, o termo guerra híbrida ganhou uma significativa relevância, visto que a Organização das Nações

Unidas (ONU), pela primeira vez, classificou as estratégias adotadas pela Rússia como uma abordagem híbrida, reconhecendo, assim, a combinação de diferentes elementos e táticas presentes nesse conflito. É pertinente destacar, no entanto, que o escopo desta dissertação não abarcará a complexidade e nuances da invasão da Rússia na Crimeia, servindo apenas como uma forma de contextualização para compreender a relevância e o contexto em que o termo guerra híbrida emergiu.

A fim de delimitar o escopo desta dissertação, o presente trabalho se propõe a analisar as ações empreendidas pelo grupo *Hezbollah* durante o confronto com Israel em 2006, visando identificar suas ações, estratégias e narrativas, diante de um adversário militarmente e tecnologicamente mais forte. No intuito de alcançar tal propósito, a indagação central deste estudo se apresentará da seguinte forma: Como o Ambiente Informacional vem sendo afetado pela Guerra Híbrida?

A relevância do tema reside na necessidade de compreender e enfrentar essas novas formas de guerra, permitindo, então, a formulação de estratégias flexíveis que englobem aspectos militares, políticos, econômicos e informacionais.

Para tal, esta dissertação adotará a metodologia denominada “Teoria versus Realidade”, embasada na obra "*Conflict in the 21st Century: the rise of Hybrid Wars*" de Frank Hoffman (2007). E, estará organizada em seis capítulos, sendo este primeiro dedicado à introdução.

No segundo capítulo, será dado foco à contextualização do tema, abordando suas dimensões, características e domínios, além das contribuições de estrategistas como Sun Tzu (2002), Clausewitz (1996) e Jomini (2002) para a formulação do conceito de guerra híbrida proposto por Hoffman (2007).

No capítulo subsequente, será analisada a origem do grupo paramilitar *Hezbollah* e o conflito ocorrido em 2006 contra Israel, buscando compreender suas estratégias, influências e ações, principalmente no ambiente informacional. Nessa análise, faremos referência a autores renomados como Meihy (2016) e Norton (2007), cujas obras oferecem perspectivas relevantes sobre o tema em questão.

No quarto capítulo, empreenderemos uma incursão na esfera das ameaças híbridas, a fim de revelar sua intrínseca influência no âmbito informacional, ressaltando seus modos operacionais e sagacidade em aproveitar as próprias características inerentes desse ambiente, considerando principalmente a obra de Visacro (2018) e outros autores relevantes.

No capítulo cinco, desvelaremos algumas propostas com o intuito de fortalecer a atuação das Forças Armadas diante desses novos cenários. Nesse sentido, serão apresentadas sugestões que visam aprimorar a prontidão, a capacidade de resposta e a adaptabilidade das instituições militares diante de desafios impostos.

Por fim, no último capítulo, procederemos à apresentação da conclusão deste trabalho, na qual serão expostos os principais elementos e considerações pertinentes provenientes deste estudo, visando responder à questão principal da pesquisa.

2 TEORIA E EVOLUÇÃO DA GUERRA HÍBRIDA

Para aprofundar o estudo que envolve o conceito de guerra híbrida, é imperativo examinar suas raízes no pensamento estratégico. Nesse sentido, utilizaremos a taxonomia e a organização das ideias apresentadas por Frank G. Hoffman (2007), respeitado membro do *Potomac Institute for Policy Studies*.

Neste capítulo, identificaremos a teoria e o desenvolvimento do termo guerra híbrida, analisando e moldando suas dimensões, características e seus domínios. A seguir, serão apresentados tópicos sobre os conceitos de guerra segundo Sun Tzu (2002), Clausewitz (1996) e Jomini (2002) e suas contribuições para o novo conceito. Em seguida, apresentaremos as definições propostas por Frank Hoffman (2007), pelo Centro de Excelência Europeu para o Combate às Ameaças Híbridas (*Hybrid CoE*) e outros atores, e por fim, será realizada uma conclusão parcial, destacando os principais pontos abordados.

Segundo Sun Tzu (2002), a guerra era uma forma de confronto estratégico que envolvia o uso de força militar para alcançar objetivos políticos e territoriais. Para Clausewitz (1996), a guerra representa a extensão da política por outros meios, sendo a própria política uma atividade voltada para identificar e promover os interesses de uma determinada sociedade perante outras. Além disso, o estrategista também afirmou que à medida que os conflitos vão evoluindo, o léxico utilizado também deve evoluir. Já Jomini (2001), apresentou os 6 princípios da arte da guerra, que seriam: concentração de forças, economia de forças, segurança, linha de operações e comunicações, manobra e utilização de terreno favorável. Apesar das dissidências entre os conceitos sobre a guerra apresentadas pelos clássicos, Harp (2011) afirma que todas elas apresentam um “*link*” entre a estratégia e a política.

Liddell Hart (1998), adicionalmente, contribuiu para o desenvolvimento do conceito ao apresentar a estratégia de aproximação indireta. Esta estratégia preconiza a necessidade de aproximar-se do alvo por meio de métodos inesperados, capazes de contrariar a expectativa natural do oponente em relação ao ataque, de maneira a perturbá-lo tanto física quanto psicologicamente. Nesse sentido, a imprevisibilidade e a surpresa passam a desempenhar um papel de destaque na estratégia (KORYBKO, 2018).

Historicamente, as guerras eram conduzidas por grupos, cidadãos de diferentes etnias sem o emprego de um exército especializado. Com o avanço tecnológico, houve uma mudança

na natureza e na condução das guerras. A Paz de Vestfália¹, estabelecida em 1648, é considerada um marco importante ao definir as guerras como conflitos entre Estados soberanos. Desde então, existem diversas abordagens quanto à evolução da guerra ao longo do tempo (LIND, 1989).

William Lind (1989) divide a evolução dos conflitos armados, a partir do século XVIII, em períodos distintos, que podem ser categorizados em três gerações: As guerras de primeira, segunda e terceira gerações. As guerras de primeira geração foram notáveis pelo predomínio dos grandes exércitos das potências europeias, com conflitos formais que se evidenciaram, por exemplo, nas guerras napoleônicas (1792-1815). As guerras de segunda geração deram um salto tecnológico, destacando o poder de fogo da artilharia como fator determinante para a vitória nos conflitos, como se observou na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e por sua vez, as guerras de terceira geração foram caracterizadas pela mobilidade dinâmica das tropas oficiais, que foram capazes de conquistar vitórias rápidas e decisivas, eliminando as formações militares lineares, tal como ocorreu na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) com as táticas de guerra relâmpago alemãs. Por fim, Lind (1989) apresentou a noção de guerras de quarta geração estabelecendo que os conflitos futuros seriam travados por meios indiretos, possuindo características assimétricas, irregulares e não definidas, sendo sua natureza inerentemente confusa, havendo incerteza na identificação entre as unidades civis, militares e entre o estado de paz e guerra.

O termo guerra híbrida, por sua vez, surgiu, primeiramente, nos documentos militares estadunidenses por ocasião da defesa da tese do Major William J. Nemmeth (2002) *“Future War and Chechnya: a case for hybrid warfare”*, na *Naval Postgraduate School*, que remetia para a natureza híbrida das sociedades, como foi o caso da Chechênia, que devido à assimetria dos meios disponíveis, principalmente comparado com os meios políticos, econômicos, tecnológicos e militares convencionais das sociedades ocidentais, desenvolveram formas de confronto híbridas para transformar sua inferioridade naqueles campos, recorrendo, entre outros meios, às campanhas de desinformação e táticas de guerrilha que não obedeceram ao Direito Internacional e às formas ditas convencionais de confronto armado.

¹ Paz de Vestfália - foram uma série de acordos assinados em 1648 reconhecendo a independência de muitos dos estados que haviam sido envolvidos na guerra e estabeleceu o princípio da soberania dos estados (SANTOS VIEIRA DE JESUS, 2010).

Entretanto, o referido termo somente tornou-se conhecido após a publicação do artigo de Frank G. Hoffman (2007) *“Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Warfare”*. Em sua obra, Hoffman (2007) sistematiza os principais componentes e características das guerras de quarta geração, guerras compostas, guerras irrestritas, a Estratégia Nacional de Defesa dos Estados Unidos da América de 2005 e, por fim, os desafios e as ameaças híbridas, que culminaram no conceito da guerra híbrida proposto por Hoffman (2007). No entanto, para fins analíticos, serão abordadas três principais correntes: guerras de quarta geração, guerras compostas e guerras irrestritas.

Conforme a análise de Hoffman (2007), as guerras de quarta geração, apresentadas pela primeira vez por Lind (1989), têm como base o enfraquecimento do Estado enquanto mecanismo de organização e governança, o que resulta na contestação de sua legitimidade por atores não-estatais. Segundo essa linha de pensamento, a vontade política e a desintegração social interna desempenham um papel central. Os atores envolvidos em um conflito utilizam uma gama de ferramentas que variam de convencionais a não-convencionais, como o terrorismo e a propaganda para minar a legitimidade do Estado em questão (HOFFMAN, 2007).

Em síntese, a maior contribuição para o desenvolvimento do conceito de guerra híbrida é a compreensão de que as guerras de quarta geração são caracterizadas por conflitos difusos, em que é difícil identificar claramente os atores envolvidos, suas armas e táticas, além de questionar o monopólio estatal da guerra. Como destaca Hoffman (2007), essa nova forma de guerra exigirá novas estratégias e abordagens que vão além das táticas militares convencionais. Hoffman (2007) afirma ainda que:

A ênfase em impactar a coesão ou vontade política de alguém era um aspecto fundamental da teoria de Clausewitz, mas a ideia de alcançá-lo indiretamente, e não por meio das forças militares em campo do oponente, tem mérito, assim como o caráter cada vez mais indistinto do conflito² (HOFFMAN, 2007, p. 20, tradução nossa).

² No original: *The emphasis on impacting one’s political cohesion or will was a fundamental aspect of Clausewitz’s canon, but the idea of achieving this indirectly rather than via the fielded military forces of the opponent has merit, as does the increasingly blurring character of conflict* (HOFFMAN, 2007).

No que diz respeito às guerras compostas, o conceito adotado será o de Thomas M. Huber (2002), que a descreve como a utilização concomitante de forças regulares e irregulares ou guerrilheiras contra o inimigo. Isso significa que o inimigo tem que lidar com duas frentes sinérgicas, o que influencia o pensamento estratégico tático e as operações de combate. Para o conceito de guerra híbrida, segundo Hoffman (2007), a sinergia será o conceito-chave da contribuição das guerras compostas.

Analisando o conceito de "guerras irrestritas" ou "guerras sem limites", concebido pelos coronéis chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui (1999) durante os anos de 1990, os quais propuseram um quadro conceitual ao estabelecer os princípios das guerras irrestritas, a saber: onidirecionalidade, sincronia, objetivos limitados, medidas ilimitadas, assimetria, consumo mínimo, coordenação multidimensional e controle do processo. Entre todos os princípios elucidados, Hoffman (2007) aponta que três contribuíram para a construção de seu entendimento sobre as guerras híbridas: onidirecionalidade, sincronia e assimetria.

A onidirecionalidade constitui um elemento de suma importância na compreensão e formulação do conceito de guerras híbridas. Esse princípio destaca a necessidade dos comandantes e estrategistas observarem os campos de batalha de forma ampla, considerando todos os cenários possíveis. Hoffman (2007) resumiu essa ideia ao afirmar que: “o comandante tem a obrigação de não fazer distinção entre o que é e o que não é um campo de batalha” (HOFFMAN, 2007).

No que se refere à sincronia, a obra de Liang e Xiangsui (1999) a conceitua como a coordenação de múltiplas estratégias simultaneamente, em diversos campos de batalha, proporcionando ao agressor a manutenção da iniciativa e a exploração das fragilidades do oponente em distintas áreas.

Por sua vez, a assimetria no contexto das guerras refere-se ao equilíbrio entre os pontos fortes e fracos do inimigo, atacando-o em suas principais fraquezas ou evitando um confronto com suas principais forças (HOFFMAN, 2007).

Conforme mencionado por Hoffman (2007), a evolução das estratégias de guerra aponta para um cenário 'multi-modal' no futuro. Isso envolve a combinação de características das guerras de quarta geração, compostas e irrestritas, como relatado na citação abaixo:

A guerras híbridas combinam a intensidade do conflito com o fervor fanático e duradouro da guerra irregular. O termo “híbrido” abrange tanto sua organização quanto seus meios. Organizacionalmente, eles podem ter uma estrutura política

hierárquica, acompanhada de células descentralizadas ou unidades táticas em rede. [...] Nesses conflitos, os adversários futuros (estados, grupos patrocinados pelo estado ou atores autofinanciados) explorarão o acesso as capacidades militares modernas, incluindo sistemas criptografados, mísseis ar-superfície portáteis e outros sistemas letais modernos. [...] Isso pode incluir estados que combinam recursos de alta tecnologia, como armas antissatélites, com terrorismo e guerra cibernética³ (HOFFMAN, 2007, p. 29, tradução nossa).

Assim, Hoffman (2007) define guerra híbrida como qualquer adversário que de modo simultâneo e adaptativo empregue meios convencionais, táticas irregulares, terrorismo e atos criminosos no espaço de batalha de modo a atingir os seus objetivos políticos. Conforme o autor, as guerras híbridas podem ser travadas por Estados ou entidades não estatais, incorporando uma ampla forma de fazer a guerra.

A ilustração apresentada na Figura 1 sugere que as ameaças híbridas são marcadas pela fusão de meios convencionais/regulares e não-convencionais/irregulares, podendo essa combinação ocorrer por meio da componente regular ou da componente irregular. Em outras palavras, indica que as ameaças híbridas são complexas e podem envolver diversas formas de combate e estratégias.

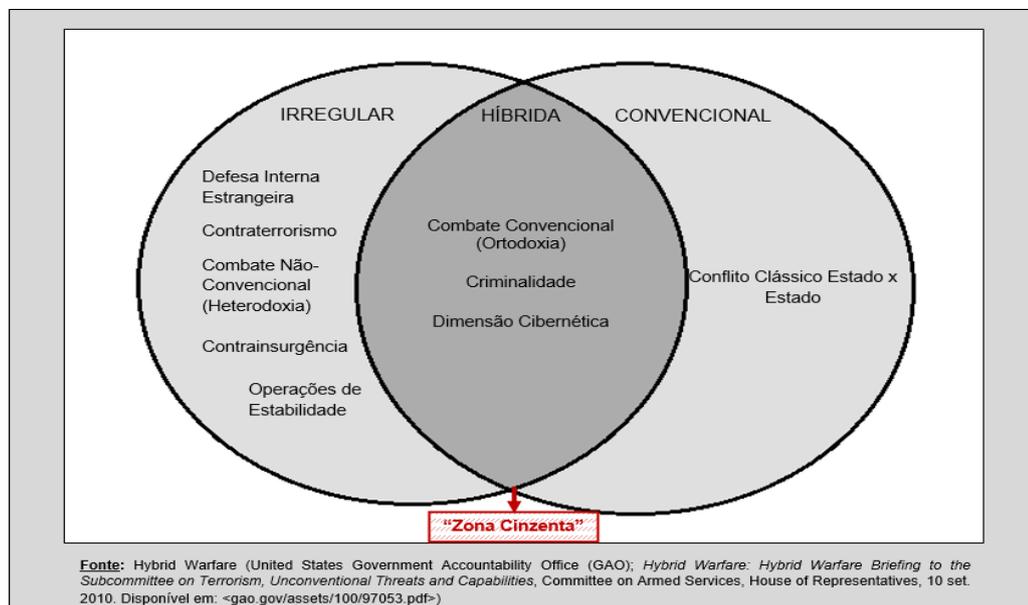


Figura 1 - Guerra Irregular, Guerra Híbrida, Guerra Convencional

³ No original: *Hybrid Wars blend the lethality of state conflict with the fanatical and protracted fervor of irregular warfare. The term "Hybrid" captures both their organization and their means. Organizationally, they may have a hierarchical political structure, coupled with decentralized cells or networked tactical units. [...] In such conflicts, future adversaries (states, state-sponsored groups, or self-funded actors) will exploit access to modern military capabilities including encrypted command systems, man-portable air to surface missiles, and other modern lethal systems. [...] This could include states blending high-tech capabilities, like anti-satellite weapons, with terrorism and cyber-warfare* (HOFFMAN, 2007, p. 29).

Em suma, é possível constatar que os pensadores clássicos, como Sun Tzu (2002), Clausewitz (1996), Jomini (2002) e Liddell Hart (1998) foram fundamentais na formulação do conceito de guerra híbrida apresentado por Hoffman (2007). Contudo, para uma compreensão mais completa e ampla desse conceito, as características absorvidas das guerras de quarta geração, das guerras compostas e das guerras irrestritas desempenharam papéis essenciais.

Segundo Kjennerud e Cullen (2016), a ideia de guerra híbrida, tal como foi delineada por Hoffman (2007), tem a capacidade de retratar o aumento em sofisticação e complexidade dos agentes não estatais no teatro de operações. No entanto, é importante notar que o enfoque de Hoffman (2007) estava direcionado principalmente para a insurgência de grupos. Assim, Kjennerud e Cullen (2016) complementa relatando que:

As guerras híbridas envolvem a integração completa dos meios militares e não militares do poder estatal para alcançar seus objetivos políticos, nos quais o uso da força ou a ameaça de força desempenha papel central. Os Estados que possuem capacidades centralizadoras para coordenar e sincronizar seus instrumentos de poder (governo, economia, mídia etc.) podem criar efeitos sinérgicos de multiplicação de forças⁴ (KJENNERUD; CULLEN, 2016, p. 2, tradução nossa).

No entanto, foi após a anexação ilegal da Crimeia por parte da Rússia em 2014, que a União Europeia (UE) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) começaram a demonstrar uma maior preocupação com esse tipo de ameaça. Em 2015, a UE e a OTAN criaram o *European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats (Hybrid CoE)*⁵, com objetivo de ajudar os Estados e instituições participantes a compreenderem e se protegerem contra às ameaças híbridas, além de elaborar seu conceito. Nesse sentido, o Hybrid CoE caracteriza as ameaças híbridas como:

Ação coordenada e sincronizada que intencionalmente visa as fragilidades dos estados e instituições democráticas por meio de uma ampla gama de meios; Atividades que exploram os limiares de detecção e atribuição, bem como as diferentes interfaces (guerra-paz, segurança interna-externa, local-estado e

⁴ No original: *Hybrid wars involves the full integration of the military and non-military means of state power to achieve political goals, in which the use of force or the threat of force plays a central role, States with highly centralized abilities to coordinate and synchronize their instruments of power (government, economy, media, etc.) can create synergistic force multiplying effects* (KJENNERUD; CULLEN, 2016).

⁵ O *Hybrid CoE* é uma organização internacional e autônoma baseada em rede que promove uma abordagem abrangente do governo e da sociedade para combater ameaças híbridas (Hybrid CoE, 2023).

nacional-internacional) e Atividades destinadas a influenciar diferentes formas de tomada de decisão no nível local (regional), estadual ou institucional, e destinadas a promover e/ou cumprir os objetivos estratégicos do agente enquanto solapam e/ou prejudicam o alvo⁶ (Hybrid CoE, 2023, tradução nossa).

Por sua vez, Monaghan (2019) destaca a evolução do termo e faz uma distinção conceitual entre as ameaças híbridas e as guerras híbridas. Segundo ele, as ameaças híbridas mesclam diversos métodos não violentos para atingir as vulnerabilidades da sociedade, degradando seu funcionamento, sua unidade ou sua vontade, subvertendo seu *status quo*. Esse tipo de estratégia é usado por atores revisionistas para atingir gradualmente seus objetivos sem desencadear respostas decisivas, incluindo respostas armadas. Já a guerra híbrida é o desafio apresentado pela crescente complexidade dos conflitos armados, onde os adversários podem combinar diferentes tipos de guerra e meios não militares, no intuito de neutralizar o poder militar convencional. A Figura 2 mostra as diferenças entre os termos, destacando os diferentes níveis e intensidades.

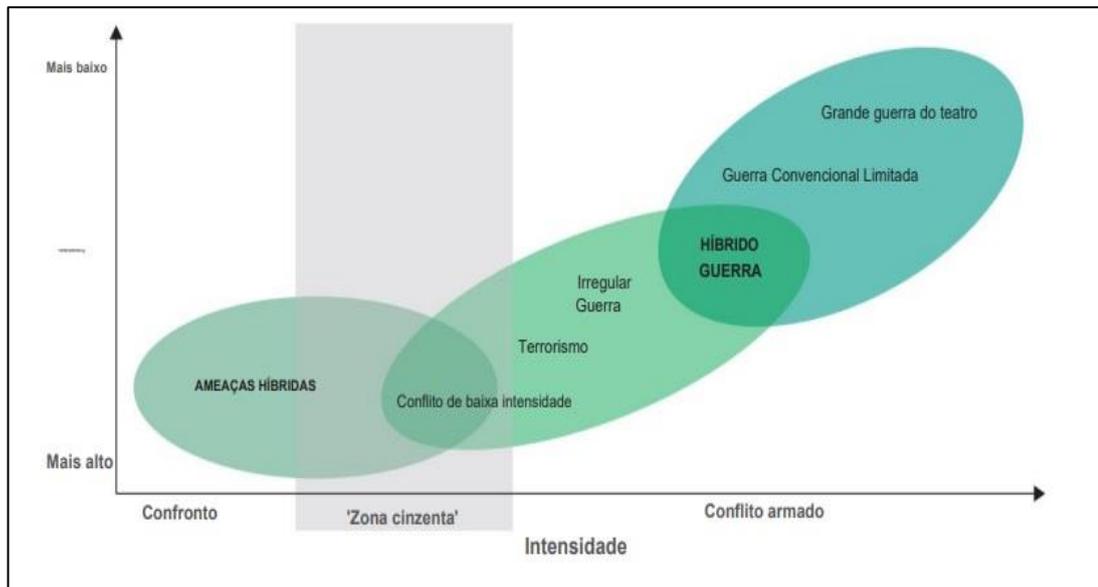


Figura 2 – Diferença entre as Ameaças Híbridas e Guerra Híbrida (Fonte: Monaghan (2019, p. 87)).

⁶ No original: *Coordinated and synchronized action that deliberately targets democratic states' and institutions 'systemic vulnerabilities through a wide range of means; Activities that exploit the thresholds of detection and attribution, as well as the different interfaces (war-peace, internal-external security, local-state, and national-international) e Activities aimed at influencing different forms of decision-making at the local (regional), state, or institutional level, and designed to further and/or fulfil the agent's strategic goals while undermining and/or hurting the target* (Hybrid CoE, 2023).

Entretanto, não há um consenso universal sobre esses termos e que a terminologia empregada para descrever o fenômeno da guerra híbrida apresenta uma variedade de expressões comumente utilizadas, como: ameaças híbridas, guerra híbrida, guerra não-linear, guerra não convencional, conflito híbrido, além de outras de menor reconhecimento na literatura (HMD, 2023).

Na visão das Forças Armadas dos Estados Unidos da América, é observada uma preferência pela utilização da titulação ameaça híbrida, buscando ressaltar a natureza complexa e multifacetada desse tipo de conflito. Por sua vez, a doutrina russa adota a expressão guerra não-linear, enfatizando a ausência de padrões previsíveis e a utilização de táticas não convencionais. No âmbito acadêmico e da pesquisa em estudos de conflitos, a designação guerra híbrida é comumente adotada, refletindo a abordagem ampla e abrangente desse fenômeno. É importante ressaltar que essas divergências terminológicas não invalidam o conceito em si, mas demonstram as diferentes perspectivas e ênfases dadas por diversos atores no entendimento e análise desse tipo de conflito (HMD, 2023).

São inúmeras as instâncias de conflitos híbridos ao longo da história. Por conseguinte, a guerra híbrida não retrata uma novidade substancial, podendo ser considerada uma particularidade quase tão antiga como a própria guerra. Por outro lado, alguns teóricos defendem que este é um tipo de conflito recente, tendo surgido apenas no início do século XXI, após os atentados do 11 de setembro 2001. No entanto, não há uma definição clara sobre esse conceito, uma vez que ao tentar descrever várias dimensões do conflito para fins diversos, ocorre uma dificuldade para o seu entendimento (GARDNER, 2015).

Assim, o dia 11 de setembro de 2001 se tornou um evento extremamente significativo. Esse ataque terrorista marcou o fim de uma época de conflitos e o início de uma nova, completamente diferente daquela à qual o mundo estava acostumado, em que a luta contra o terrorismo se tornou uma prioridade na agenda de segurança global (HOFFMAN, 2007). Desde então, o conceito de ameaças híbridas vem sendo desenvolvido e ampliado, sendo um desafio para todos os governos e as organizações internacionais.

Há muitos conflitos híbridos que ocorreram após o 11 de setembro de 2001, onde se pode observar que os adversários irregulares têm utilizado táticas e modos de operação distintos para compensar a superioridade militar das forças opostas e para ganhar vantagem na coleta de informação, vigilância e reconhecimento de terreno. Como exemplos são citados: a segunda guerra do Afeganistão em 2001; a guerra do Iraque em 2003, a guerra entre o

Hezbollah e Israel em 2006, a guerra civil da Líbia em 2011, o conflito no Iraque e na Síria em 2013 e a invasão da Rússia na Ucrânia em 2014 (HOFFMAN, 2007).

Logo, podemos concluir que há uma diversidade de conceitos e definições sobre o que é exatamente a guerra híbrida, porém devido a sua natureza e complexidade, principalmente nos conflitos modernos, com a emergência de atores não estatais e o uso de tecnologias cada vez mais avançadas, observa-se que a noção simplista de dois exércitos estatais em confronto direto está se tornando cada vez mais distante e que a chamada "Zona Cinzenta"⁷ se torna cada vez mais presente nesses conflitos. Além disso, a disponibilidade de ferramentas e abordagens cada vez mais sofisticadas permite que os atores envolvidos possam atingir e desgastar seus oponentes, aumentando suas chances de alcançar seus objetivos. Esses pontos evidenciam a importância de uma compreensão mais ampla e atualizada dos conflitos modernos, bem como de uma adaptação constante das estratégias e táticas empregadas pelos Estados e outros atores envolvidos em tais conflitos.

Sendo assim, a fim de aprimorar a compreensão dos argumentos em nosso estudo e obter um entendimento completo das dinâmicas envolvidas, é essencial incorporar a temática das guerras Pós-Modernas. Essas guerras e ameaças são definidas pelo uso de táticas não convencionais e assimétricas, além do uso do ambiente informacional, bem como mecanismos indiretos que buscam desestabilizar o alvo internamente com a menor quantidade possível de recursos. Para ilustrar esse ponto, analisaremos as ações do *Hezbollah* durante a segunda guerra do Líbano em 2006 contra Israel.

⁷ "Zona Cinzenta" – área de atividades secretas ou ilegais de estadismo não tradicional que estão abaixo do limiar da violência armada organizada; incluindo perturbação da ordem, subversão política de organizações governamentais ou não governamentais, operações psicológicas, abuso de processos legais e corrupção financeira como parte de um projeto integrado para obter vantagem estratégica (HOFFMAN, 2018).

3 O HEZBOLLAH E O CONFLITO COM ISRAEL

Neste capítulo, identificaremos as ações adotadas pelo *Hezbollah* contra Israel durante a segunda guerra do Líbano em 2006, analisando suas estratégias, táticas e capacidades. É relevante destacar que o conflito não envolveu o governo libanês, mas sim o grupo xiita contra Israel, que possuía à época o oitavo exército mais bem armado e treinado do mundo.

Para darmos prosseguimento a dissertação, é imprescindível que resgatemos sua trajetória histórica. Este trabalho percorrerá desde o acordo secreto entre a Inglaterra e a França (1916), passando pela independência de Israel (1948), pela guerra civil libanesa (1975-1990), a fundação e ascensão do grupo paramilitar e por fim o conflito que eclodiu em 2006 entre o *Hezbollah* e Israel.

Durante a Primeira Guerra Mundial, em 1916, a Inglaterra e a França estabeleceram um secreto acordo "*Sykes-Picot*", com o objetivo de dividir entre si as províncias otomanas. Como resultado desse acordo, a região que hoje compreende o Líbano e a Síria ficaria sob o controle francês, sendo posteriormente reconhecida como protetorado pela Liga das Nações. Em 1920, a França proclamou o chamado "Estado do Grande Líbano", definido como um Estado unitário, supostamente independente, que deu origem ao atual território libanês (MEIHY, 2016).

Foi somente em 1943 que o moderno Estado libanês conquistou a sua independência da França. Nesse contexto, definiu-se o compromisso político da nova república, conhecido como "Pacto Nacional", um acordo estabelecido entre as comunidades políticas dominantes no cenário libanês - os muçulmanos sunitas, os cristãos maronitas e os muçulmanos xiitas (MEIHY, 2016).

O sistema político estabelecido pelo Pacto Nacional formalizou um sistema de comunidades sectárias ou confessionais, a partir do censo de 1932, que estabeleceu uma fórmula de compartilhamento de poder que levava em consideração a proporção das diferentes comunidades religiosas no país, onde cada seita recebeu privilégios políticos, como nomeações na burocracia estatal, participação no parlamento e em cargos de altos escalões. As posições políticas mais altas foram concedidas aos maronitas, sunitas e xiitas. Os maronitas, que representam a pluralidade dos cristãos, conquistaram a presidência, um cargo com prerrogativas e poderes preeminentes. A segunda maior comunidade, os sunitas, obtiveram o cargo de primeiro-ministro, enquanto os xiitas ficaram com a posição de presidente do

parlamento. No entanto, esse arranjo político resultou em uma baixa influência da comunidade xiita sobre o sistema político à época. Isso se deu em razão do contexto histórico em que as populações xiitas estavam empobrecidas, subdesenvolvidas e alheias ao jogo político (NORTON, 2007).

Ao longo das décadas subsequentes, observou-se uma transformação nesse panorama, à medida que a comunidade xiita passou a demonstrar maior conscientização política e envolvimento nas questões nacionais. Essas mudanças também foram influenciadas pelo contexto da criação do Estado de Israel e pela questão da palestina, que resultou em um afluxo significativo de aproximadamente 100 mil refugiados palestinos para o território libanês. Entretanto, a chegada dos palestinos no Líbano deixou muitos cristãos maronitas insatisfeitos, uma vez que os palestinos, em 1975, compunham mais de meio milhão de habitantes no país e vinham ganhando prestígio com a população local (NORTON, 2007).

Em 1975, após um grupo de maronitas atacar um ônibus que transportava palestinos, a situação rapidamente escalou para uma guerra civil generalizada que durou cerca de 15 anos, onde diferentes facções, entre elas a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), lutavam por poder, território e influência (NORTON, 2007).

Nesse contexto de frágil conjuntura interna, marcada por uma insatisfação crescente e pelo avanço do ativismo islâmico, surge em 1982 o *Hezbollah*, um grupo paramilitar movido pela inspiração do aiatolá Ruhollah Khomeini, líder supremo do Irã à época, e com o objetivo primordial de confrontar a presença israelense no sul do Líbano. O surgimento deste grupo encarnou a reação das camadas xiitas da população libanesa, buscando assertivamente resistir à ocupação que comprometia sua soberania (MEIHY, 2016).

Segundo Meihy (2016), durante a guerra civil libanesa (1975-1990), o Irã, notadamente de orientação xiita, vislumbrou na resistência frente a hegemonia israelense uma oportunidade para ampliar o seu domínio na região, oferecendo respaldo político para a liderança do *Hezbollah* na comunidade xiita. Além disso, o Estado iraniano provia armamentos e treinamentos aos guerrilheiros engajados na luta contra os israelenses. Por outro lado, a Síria, que retirou suas tropas do Líbano em 2005, em atendimento a resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, apoiou o *Hezbollah* fornecendo apoio logístico e armas. Ademais, além da efetividade de seu braço armado, este grupo ganhou a simpatia dos habitantes locais, por meio de uma rede de instituições educacionais, médicas e de apoio às vítimas do conflito.

A atuação resiliente do grupo obteve maior eficácia após o desfecho da guerra civil em 1990, angariando respaldo tanto do governo quanto do povo libanês. Nos anos subsequentes, Israel empreendeu uma série de bombardeios e incursões militares contra o grupo, com o objetivo de exercer pressão sobre o governo libanês para desencorajar o apoio populacional. Além disso, os líderes do grupo, que anteriormente eram impulsionados pelo fervor revolucionário, passaram a adotar uma postura mais realista e pragmática. Como resultado, a organização evoluiu e passou a apresentar duas faces: uma empenhando-se simultaneamente no compromisso incansável de enfrentar a presença militar israelense no sul do Líbano e outra envolvendo-se no jogo político confessional libanês que outrora haviam criticado veementemente (NORTON, 2007).

Em 1992, o *Hezbollah* passou por uma mudança ideológica, abandonando alguns conceitos teológicos que pregavam a instauração de uma República Islâmica no Líbano em favor da inclusão política e eleitoral no sistema libanês. Por conseguinte, esse grupo evoluiu e se desenvolveu para se tornar um partido franco, sincero, aberto, democrático e nacionalista (NORTON, 2007).

Assim, desde as eleições de 1992, o grupo tem conseguido assegurar ao partido um significativo número de cadeiras no Parlamento, bem como a admiração de muitos muçulmanos. Nesse sentido, de maneira rotineira, o partido vem conquistando cerca de 10% dos assentos parlamentares, tendo uma plataforma eleitoral que enfatiza a luta contra a exploração econômica e o subdesenvolvimento, as desigualdades no sistema político, a liberdade e a oportunidade pessoais, bem como a segurança. O grupo, a partir disso, passa a ser reconhecido oficialmente como uma instituição política libanesa (NORTON, 2007).

Ao longo da década de 1990, esse grupo empreendeu várias operações militares que acarretaram consequências significativas para *Israel Defense Forces* (IDF), culminando na retirada unilateral e incondicional do sul do Líbano em 2000, em cumprimento a Resolução 425 das Nações Unidas (NAKHLEH, 2006).

Logo, a conjuntura apresentada nos parágrafos anteriores nos permite identificar que o alto nível de evolução e sofisticação que o *Hezbollah* conquistou, criando uma imagem que ultrapassa um mero perfil terrorista, usando uma estratégia centrada em três áreas – militar, social e política, o ajudou a continuar existindo e crescendo, dificultando qualquer tentativa de retirada do seu poder político, territorial ou de combate por parte de Israel ou por outros

grupos paramilitares, impulsionando, assim, seu respeito por muitos libaneses como um defensor dos interesses do país contra as ameaças externas e internas.

No período compreendido entre 2000 e 2006, o grupo paramilitar libanês se preparou ativamente visando um eventual confronto com Israel. Nesse sentido, ele buscou fortalecer suas capacidades militares, estabelecendo um extenso sistema de túneis e *bunkers*, além de adquirir armamentos sofisticados, como foguetes e mísseis de longo alcance. Esses esforços foram possíveis graças ao apoio proporcionado pelo Irã e pela Síria. Outrossim, o grupo realizou exercícios militares e treinou os seus combatentes em táticas de guerrilha urbana, além de expandir sua rede de inteligência, monitorando os movimentos das forças israelenses e coletando informações sobre possíveis alvos (LINDERMANN, 2010).

Dessa forma, podemos verificar que a preparação meticulosa do *Hezbollah* foi posta à prova em 2006 com o surgimento do conflito com Israel, que mesmo estando em desvantagem tecnológica e de recursos, conseguiu surpreender ao infligir danos significativos às forças israelenses. Essa resposta enérgica estabeleceu uma base sólida para a próxima etapa desta análise, na qual serão examinadas as estratégias adotadas e as implicações resultantes desse conflito.

3.1 Segunda Guerra do Líbano em 2006

Vimos no item anterior, como o *Hezbollah* passou por uma transformação significativa ao longo dos anos, evoluindo de um grupo militante e considerado terrorista por muitos países para um partido político com uma presença política e social substancial no Líbano. Após sua fundação em 1982, o grupo inicialmente concentrou-se na resistência armada contra a ocupação israelense no sul do Líbano, no entanto, ao longo do tempo, o grupo expandiu suas atividades para além dos aspectos militares, desenvolvendo uma ampla rede social, fornecendo serviços e construindo bases de apoio entre a população xiita do Líbano, além de uma maior participação no sistema político libanês, tendo representação no parlamento e sendo parte do governo em diferentes momentos. Sua crescente influência política, combinada com as suas capacidades militares têm sido uma fonte de constante preocupação para Israel, que vê o *Hezbollah* como uma ameaça significativa à sua segurança nacional, principalmente com seu alinhamento com o Irã.

Nesse contexto, aprofundaremos a análise sobre o acirramento das tensões entre os envolvidos, cujo marco ocorreu em 12 de julho de 2006, quando membros de um grupo paramilitar transpuseram a fronteira entre o Líbano e Israel, atacando uma patrulha israelense. Esse incidente, por sua vez, desencadeou uma rápida escalada de hostilidades, culminando em um conflito de 34 dias, conhecido como a segunda guerra do Líbano.

Para Parsi (2008), uma série de acontecimentos políticos preliminares apontavam que Israel já planejava uma nova ação militar em território libanês, visando debilitar definitivamente o poder de fogo do *Hezbollah*, como relatado abaixo:

Embora Israel não esperava que o ataque do *Hezbollah* em sua fronteira em 12 de julho e o sequestro de seus soldados, o Estado judeu tinha planejado e preparado para a guerra contra o *Hezbollah* por mais de dois anos. Em 2005, um oficial superior do Exército israelense começou a dar apresentações em PowerPoint confidenciais para diplomatas americanos e jornalistas, definindo em detalhes assustadores o plano para a operação esperada. “De todas as guerras de Israel desde 1948, esta foi a única para a qual Israel estava mais preparado”, explicou o Professor Gerald Steinberg, da Universidade Bar-Ilan⁸ (PARSI, 2008, p. 274, tradução nossa).

Da citação acima, temos a confirmação que Israel não só se preparava para uma operação contra o *Hezbollah*, após sua retirada do sul do Líbano em 2000, mas igualmente empreendia esforços visando obter a aprovação dos Estados Unidos da América e da comunidade internacional para suas ações.

Sob a égide de Hassan Nasrallah (1960-), o movimento político e militar do *Hezbollah* contou com o apoio colaborativo de milícias irregulares e o substancial apoio do governo iraniano. O Irã forneceu apoio financeiro e treinamento militar, embora não tenha sido a única fonte de recursos utilizada pelo grupo. O grupo também recorreu a atividades ilícitas, como contrabando de armas, lavagem de dinheiro e associação com cartéis de drogas. Essas diversidades de fontes de financiamento permitiram ao grupo paramilitar desenvolver uma força militar altamente capaz, a qual empregava uma variedade de táticas, englobando manobras de combate convencionais e operações de guerrilha, além de ações assimétricas.

⁸ *No original: Though Israel did not expect the July 12 Hezbollah border attack and kidnapping of its soldiers, the Jewish State had planned and prepared for war against Hezbollah for more than two years. In 2005, a senior Israeli army officer began giving off-the-record PowerPoint presentations to American diplomats, journalists, and think tanks, setting out in frightening detail the plan for the expected operation. “Of all of Israel’s wars since 1948, this was the one for which Israel was most prepared,” Professor Gerald Steinberg of Bar-Ilan University explained (PARSI, 2008, p. 274).*

Ademais, o grupo fazia uso de veículos aéreos não tripulados, bem como a utilização de foguetes e mísseis de curto e médio alcance (GARDNER, 2015).

Por outro lado, os objetivos estratégicos do Estado de Israel foram centralizados na reafirmação de sua capacidade dissuasória, mediante a demonstração inequívoca de que não toleraria ataques transfronteiriços perpetrados contra seus soldados e civis, bem como na construção de uma nova realidade no Líbano. Por meio do uso da força militar, Israel visava suprimir a atuação do *Hezbollah*, aumentando, por conseguinte, a capacidade política do governo libanês (BRENNEN, 2009).

Segundo Brennen (2009), Israel adotou uma estratégia conhecida popularmente como "dissuasão pela punição", realizando ataques direcionados, principalmente aéreos, contra as bases do grupo e seus redutos, além de ataques à população local, empregando o uso da guerra psicológica, na tentativa de minar seu apoio popular. Israel intensificou os discursos contra o grupo perante o Estado libanês e a comunidade internacional, a fim de afetar sua imagem. Através de *websites* e folhetos lançados por aviões israelenses, a população civil foi alertada sobre futuros ataques e incentivada a ajudar o Líbano a "erradicar o mal do *Hezbollah*" e restaurar sua independência, liberdade e prosperidade.

No que diz respeito ao grupo paramilitar, recorremos a Jacobs e Lasconjarias (2015). Para os autores, o *Hezbollah* conseguiu expandir não só sua atuação no campo de batalha físico, mas também desafiou Israel por meio de uma hábil e abrangente campanha de propaganda em suas estações de televisão e rádio, levando outros países árabes e a comunidade internacional a acreditarem que Israel, enquanto a maior potência militar na região, havia sofrido uma derrota nas mãos de uma milícia estatal.

De fato, era amplamente difundida entre as potências ocidentais e o próprio Estado de Israel a crença de que a ofensiva militar resultaria na pronta erradicação desse grupo e na concretização do desarmamento da milícia xiita, de acordo com as exigências da Resolução 1559⁹. Contudo, a qualidade e a tenacidade do *Hezbollah* superaram substancialmente as expectativas israelenses em quase todos os aspectos, abrangendo desde o volume e a precisão dos foguetes disparados contra o norte de Israel até a sofisticação de sua rede de

⁹ A Resolução 1559 abordava a situação no Líbano e tinha como objetivo principal promover a retirada das tropas estrangeiras do país, o desarmamento das milícias e eleições imparciais no Líbano (Conselho de Segurança da ONU, 2004).

comunicações e táticas de camuflagem. Os ataques perpetrados no norte do país produziram um impacto psicológico devastador nos israelenses, que, acostumados à sua superioridade perante os exércitos de seus vizinhos árabes, se viram profundamente abalados, conforme destacado por Parsi (2008):

Depois de alguns sucessos iniciais, os israelenses foram aturdidos pelo poder de retaliação do *Hezbollah*, incluindo disparos de milhares de foguetes Katyusha ao norte de Israel. Mais do que enfrentar uma milícia amadora, os israelenses em pouco tempo perceberam que estavam lutando com um exército de guerrilheiros treinados e equipados. O *Hezbollah* utilizou mísseis C-807 chineses contra um navio de guerra israelense fora da costa libanesa, pegando os israelenses de surpresa, inabilitando seu navio. A inteligência israelense falhou completamente em descobrir antes da guerra o que o *Hezbollah* possuía em seus depósitos. Os libaneses lutaram em guerra de alta tecnologia, e se atentaram à batalha da mídia. Treinados e equipados pelos iranianos, os combatentes do *Hezbollah* decodificaram os códigos das comunicações de rádio israelenses, interceptando relatórios [...]. O impacto psicológico nos israelenses – que cresceram acostumados com a superioridade sobre os exércitos de seus vizinhos árabes – foi devastador¹⁰ (PARSI, 2008, p. 276, tradução nossa).

A guerra entre os envolvidos resultou em um grande número de baixas e danos materiais significativos. Enquanto o *Hezbollah* lançou cerca de quatro mil mísseis que atingiram o norte de Israel, o mesmo respondeu com mais de cento e vinte mil ataques de artilharia e inúmeras incursões no território libanês. Estima-se que cerca de milhares pessoas tenham sido mortas durante o conflito. Essas cifras incluem tanto civis libaneses quanto militares do grupo paramilitar e das Forças de Defesa de Israel (QASSEM, 2010).

Em que pese Israel ter respondido com superioridade ao *Hezbollah*, Qassem (2010) reafirma que as derrotas infligidas à Israel pelo grupo foram impulsionadas devido ao apoio popular que a organização recebeu dos libaneses, juntamente com a colaboração do exército regular. De fato, as pessoas que habitavam as regiões afetadas pelos conflitos, que suportaram o peso da guerra e foram expostas a abrigos e sofrimentos, expressaram seu

¹⁰ No original: *But neither Israel's hopes, nor Tehran's fears, came true. After some initial successes, the Israelis were stunned at Hezbollah's powerful response, including its firing of thousands of Katyusha rockets into northern Israel. Rather than facing an amateur militia, the Israelis soon realized that they 'were fighting a well-trained and well-equipped guerilla army. Hezbollah even used a Chinese-made C-807 missile against an Israeli warship off Lebanon's coast, catching the Israelis off guard and disabling the ship. Israeli intelligence had failed to fully discover before the war what Hezbollah was hiding in its arsenals. The Lebanese fought a high-tech war, and they paid as much attention to the media battle as they did to the fighting on the ground. Trained and equipped by the Iranians, Hezbollah fighters cracked the codes of Israeli radio communications, intercepting reports on the casualties they had inflicted. [...]. The psychological impact of this on the Israelis—who had grown accustomed to superiority over the armies of their Arab neighbors—was devastating (PARSI, 2008).*

respaldo à resistência mesmo diante das circunstâncias mais difíceis. Esse apoio popular foi uma das principais razões pelas quais as táticas de guerrilha adotadas pelo grupo se mostraram tão eficazes, mesmo diante de um adversário com superioridade tecnológica significativa.

Após um mês de conflitos intensos, ocorreu a aprovação da Resolução 1701¹¹ pelo Conselho de Segurança da ONU, resultando em um cessar-fogo imediato e na retirada das forças israelenses do Líbano. É importante notar que, embora a referida resolução não tenha abordado diretamente a questão do desarmamento do *Hezbollah*, os efeitos devastadores da guerra foram amplamente sentidos, com um impacto significativo na região.

Assim, podemos dizer que o confronto redefiniu o balanço de poder no Oriente Médio, uma vez que a reputação de Israel ficou arranhada como uma força político-militar invencível, enquanto o *Hezbollah* permaneceu no imaginário popular libanês como o vencedor da guerra.

Nos itens anteriores, pudemos testemunhar como um ator não estatal conseguiu obter o apoio do Estado e principalmente de sua população, em oposição a um Estado poderoso militarmente e tecnologicamente, aplicando conceitos estratégicos e métodos de coleta de informações, que se mostraram eficazes na consecução em seus objetivos, tanto operacionais quanto táticos.

Dessa forma, fica evidente que o conflito entre os envolvidos teve implicações significativas para ambas as partes, mas especialmente para Israel. O impacto psicológico dos ataques do *Hezbollah* no norte do país foi devastador para a população civil, levando a uma grande quantidade de pessoas a deixarem suas casas, uma vez que a população israelense foi submetida a uma ameaça real e constante. Ademais, a resistência do grupo contra as forças israelenses no Líbano ilustrou que as táticas de guerrilha podem representar para as forças militares convencionais, mesmo em um contexto de desvantagem tecnológica, um grande desafio.

A habilidade do *Hezbollah* em adotar estratégias específicas e de confrontar as forças israelenses no sul do Líbano evidenciou o profundo conhecimento do grupo sobre seu oponente e suas vulnerabilidades. Por meio da aplicação de táticas assimétricas, com células descentralizadas e aproveitando-se dos meios de comunicação em seu favor, juntamente com

¹¹ Resolução 1701 estabeleceu um cessar-fogo entre Israel e o *Hezbollah* no Líbano, a retirada das forças israelenses, o desarmamento do *Hezbollah* e autorizou o envio da UNIFIL para acompanhar o cumprimento do cessar-fogo, além de promover a estabilidade na região (Conselho de Segurança da ONU, 2006).

o respaldo popular, o grupo paramilitar logrou desafiar com sucesso as Forças israelenses, infligindo danos consideráveis não somente à sua estrutura, mas também ao imaginário da população israelense.

Nesse contexto, concluímos que a segunda guerra do Líbano é um exemplo de como a dimensão informacional desempenha um papel crucial nos conflitos contemporâneos. O uso estratégico das mídias sociais pelo *Hezbollah* permitiu que a organização mobilizasse simpatizantes em todo o mundo e promovesse sua narrativa com sucesso. Israel, por sua vez, venceu na dimensão física, utilizando tecnologias avançadas de vigilância e ação militar cirúrgica, no entanto, perdeu na dimensão informacional, incapaz de competir com a habilidade do seu rival em explorar as mídias sociais. Essa dinâmica ilustra como as ameaças híbridas, que unem estratégias convencionais e não convencionais, têm um impacto significativo no ambiente em questão. Agora, vamos adentrar no próximo tópico, onde exploraremos de que maneira essas ameaças afetam o ambiente informacional.

4 A INFLUÊNCIA DAS AMEAÇAS HÍBRIDAS NO AMBIENTE INFORMACIONAL

No final do século XX, testemunhamos uma revolução tecnológica impulsionada pelos avanços nas áreas de telecomunicações e informática. O desenvolvimento tecnológico não foi apenas marcante por sua magnitude nem pelo impacto que trouxe ao modo de vida das pessoas, mas também pela velocidade surpreendente como ocorreu. Em um curto espaço de tempo, o mundo testemunhou mudanças rápidas que redefiniram as relações econômicas, políticas e sociais globais.

Neste capítulo, será explorada a dimensão informacional, destacando suas perspectivas física, cognitiva e lógica. Adicionalmente, examinaremos as Capacidades Relacionadas à Informação (CRI), os aspectos intrínsecos das novas ameaças e, não menos importante, a influência da opinião pública nos eventos contemporâneos.

Após a exploração teórica e a compreensão das estruturas fundamentais descritas nos capítulos anteriores, torna-se viável abordar, nesta etapa, os desafios e as oportunidades de maneira mais precisa e objetiva, assegurando uma análise abrangente e meticulosa do tema em questão.

Para a presente análise, adotaremos as definições do Glossário das Forças Armadas (BRASIL, 2015) e da doutrina de Operação de Informação da Marinha do Brasil, retratada pela publicação EMA-335 (BRASIL, 2018), sobre o que é o Ambiente Operacional e como ele se divide.

O Glossário das Forças Armadas define o Ambiente Operacional como “o conjunto de condições e circunstâncias que afetam o espaço em que atuam as forças militares e que afetam e interferem na forma como são empregadas” (BRASIL, 2015, p. 29).

Neste contexto, Visacro (2018) destaca que o ambiente operacional nos conflitos até a era industrial, onde as conquistas eram tipicamente alcançadas através do confronto das Forças Armadas em campos de batalha, contrasta com as guerras pós-industriais, onde a conquista da vitória ocorre predominantemente no domínio informacional.

Desse modo, torna-se necessário, portanto, reconhecer que o campo de batalha, na era da informação, não se restringe apenas à sua dimensão física, uma vez que os conflitos interestatais deram lugar a conflitos intraestatais, além disso, a opinião pública está cada vez menos propensa a aceitar o emprego da força no gerenciamento de crises e na solução de conflitos (VISACRO, 2018).

Nesse sentido, visando uma apreensão mais completa, o EMA-335 (BRASIL, 2015) delineou o ambiente operacional contemporâneo em três dimensões: a física, a humana e a informacional (Figura 3).



Figura 3 – As dimensões do Ambiente Operacional¹²

O escopo deste tópico será predominantemente dedicado à análise da dimensão informacional e suas perspectivas, visto que está intrinsecamente ligada ao propósito do trabalho. Porém, não excluindo as demais quando necessárias.

A doutrina de Operação de Informação da Marinha do Brasil estabelece que a dimensão informacional é constituída por um conjunto de indivíduos, organizações e sistemas que são utilizados pelos tomadores de decisão para adquirir, produzir, disseminar e atuar sobre a informação, sendo composta por três perspectivas inter-relacionadas, que interagem continuamente entre si (BRASIL, 2018).

A primeira delas é a perspectiva física que inclui os seres humanos, instalações de C2¹³, unidades de processamento de computadores, mídias, *laptops*, *smartphones*, *tablets* ou quaisquer outros objetos e medidas. Em seguida surge a perspectiva lógica que abrange onde

¹² Fonte: doutrina de Operação de Informação da Marinha do Brasil, retratada pela publicação EMA-335 (BRASIL, 2018).

¹³ C2 - é o centro de operações configurado para proporcionar as ligações entre a estrutura militar de comando com os escalões superior e subordinado, segundo o Glossário das Forças Armadas (MD35-G-01, 5ª Edição, 2015).

e de que forma as informações são adquiridas, geradas, preservadas, salvaguardadas e divulgadas. Por fim, temos a perspectiva cognitiva que incide nas mentes daqueles que têm a responsabilidade de adquirir, gerar, disseminar e atuar sobre as informações (BRASIL, 2018).

Um outro conceito importante que devemos destacar são as Capacidades Relacionadas à Informação (CRI), sendo definidas como:

Aptidões requeridas para afetar a capacidade de oponentes ou potenciais adversários de orientar, obter, produzir e difundir informações, em qualquer uma das três perspectivas da dimensão informacional (física, cognitiva ou lógica). Dentre as CRI, destacam-se: Operações Psicológicas, Ações de Guerra Eletrônica, de Despistamento e de Ações Cibernéticas, Segurança da Informação, Destruição Física e Atividades de Comunicação Social (BRASIL, 2018, pág. 3.1).

Após uma cuidadosa exposição das definições concernentes às múltiplas facetas que permeiam o ambiente informacional, avançaremos em nossa análise com base nesses preceitos, com o intuito de fundamentar nossas proposições e raciocínios.

Com o desfecho da guerra fria (1947-1991), o qual, embora não represente uma transição de hegemonia nem uma ruptura tecnológica, assinalou o término de uma era de bipolaridade e o estabelecimento de uma nova ordem global. A concepção de um mundo unificado, onde valores comuns de democracia e economia de mercado prevaleceriam, livre de conflitos e focado em questões econômicas visando o bem-estar coletivo, rapidamente deu lugar a um cenário de conflitos e guerras de menor escala em comparação a uma guerra mundial, porém capazes de gerar instabilidade tanto em âmbito regional quanto global (MACHADO, 2015).

Nesse contexto, segundo o *Report of the high-level panel on threats, challenges, and change (2004)*, estabelecido pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, surgiu o termo “novas ameaças”, que se distinguem das ameaças tradicionais pela sua complexidade e pelos desafios multifacetados, que vão além das ameaças militares convencionais, incluindo uma variedade de elementos, como guerra civil, genocídio, violência Intra-Estados, terrorismo, crime organizado transnacional, ameaças econômicas e sociais, degradação ambiental, os conflitos étnicos e religiosos, as ameaças cibernéticas, as crises humanitárias e os fluxos migratórios.

Adicionalmente, a *Munich Security Conference (2019)* delineou de forma abrangente os principais aspectos das novas ameaças, destacando sua natureza transnacional, a interligação entre diferentes tipos de atividades ilícitas e o potencial de causar danos

duradouros. Essas características são diretamente decorrentes dos fenômenos inerentes à globalização, que tem ampliado a interdependência entre economias, culturas e populações. A amplitude das novas ameaças reflete a capacidade de transcender fronteiras geográficas e jurisdicionais, desafiando as estruturas de segurança convencionais.

Com o surgimento das novas ameaças, testemunhamos uma expansão significativa no escopo dos conflitos, resultando na evolução de um tipo de guerra inteiramente nova, conhecido como guerra híbrida. Como mencionado no primeiro capítulo, as ameaças híbridas podem ser definidas como a combinação de diferentes métodos, incluindo meios convencionais e não convencionais, empregados por atores estatais ou não estatais para alcançar seus objetivos políticos ou estratégicos. Essas ameaças geralmente exploram as vulnerabilidades de um país, com o intuito de enfraquecer sua coesão interna e minar sua confiança nas instituições, envolvendo uma mistura de guerra convencional e guerra irregular (HOFFMAN, 2007).

Nessa nova conjuntura, o espaço cibernético consolida-se como uma arena de importância primordial para a execução tanto de ações ofensivas quanto defensivas. A ciber guerra, mediante a utilização de tecnologias digitais, abrange uma gama diversificada de operações que englobam sabotagem, espionagem, furto de informações, interrupção de infraestruturas críticas e propagação de desinformação. Tais medidas ostentam o potencial de desencadear danos substanciais, afetando não somente sistemas governamentais e econômicos, mas também o cotidiano das pessoas (VISACRO, 2018).

Além do espaço cibernético, o campo informacional assume um papel de extrema importância. Dentro dessa esfera, a capacidade de influenciar e moldar a percepção pública através da disseminação de narrativas, desinformação e propaganda vem se tornando uma arma estratégica poderosa (VISACRO, 2018).

A utilização de tecnologias avançadas, como drones e inteligência artificial, tem alterado profundamente a dinâmica dos conflitos. Esses avanços tecnológicos possibilitam táticas mais precisas, operações remotas e uma ampliação das capacidades de vigilância e obtenção de informações. Essas transformações representam uma mudança significativa na natureza dos embates atuais, exigindo uma adaptação constante por parte dos envolvidos (VISACRO, 2018).

Assim, Visacro (2018) descreve as guerras na era da informação como:

Na Era da Informação, a guerra tem sido travada por meio de ações simultâneas de natureza distintas – não necessariamente militares. Tem-se uma significativa variação do nível de intensidade do uso da Força, alternando campanhas de grande envergadura e o uso massivo do poderio bélico até o emprego das Forças Armadas em ações subsidiárias de apoio a agências civis, ciberataques e guerra psicológica (VISACRO, 2018, p. 157).

Sob essas perspectivas, podemos inferir que a esfera informacional tem adquirido um protagonismo significativo nas estratégias contemporâneas, uma vez que a guerra na era da informação emerge como um fenômeno de grande relevância para governos, forças militares e estudiosos. Notavelmente, suas táticas e novas modalidades de combate se baseiam em tecnologias avançadas, possibilitando a rápida e eficiente obtenção, análise e disseminação de informações, transcendendo as fronteiras físicas e geográficas, permitindo sua aplicação tanto em confrontos armados convencionais quanto em situações não convencionais.

Conforme salientado por Kelly e Paul (2020), torna-se patente que o progresso dos meios de comunicação tem efetivamente amplificado a eficácia da utilização da informação enquanto instrumento beligerante. Embora não seja uma prática nova, a guerra da informação tem sido empregada com maior refinamento e veemência. Nesse sentido, ganha-se destaque o crescente uso da ferramenta de disseminação de desinformação no ambiente informacional.

De acordo com a Comissão Europeia (2018) a desinformação é definida como:

Informações comprovadamente falsas ou enganosas que são criadas, apresentadas e disseminadas com o objetivo de obter benefícios econômicos ou enganar deliberadamente a população, podendo causar danos públicos¹⁴ (COMISSÃO EUROPEIA, 2018b, p. 01, tradução nossa).

Portanto, destaca-se que uma das principais consequências dessas ameaças, conforme já observado, é a disseminação generalizada de desinformação e a divulgação de mensagens infundadas. Os atores que empregam as ameaças híbridas podem espalhar informações falsas ou distorcidas para influenciar a opinião pública, semear a desconfiança e minar a estabilidade social por meio de técnicas de manipulação e propaganda. Estes fenômenos são amplificados pela velocidade de disseminação da informação nas redes sociais e plataformas online,

¹⁴ No original: *Disinformation as verifiably false or misleading information which, cumulatively, is created, presented and disseminated for economic gain or to intentionally deceive the public and may cause public harm* (COMISSÃO EUROPEIA, 2018b).

criando desafios complexos para os planejadores e estrategistas. (COMISSÃO EUROPEIA, 2018b).

Ademais, as mídias sociais, por meio de suas publicações, reportagens e comentários, têm o poder de impactar a maneira como os indivíduos percebem os eventos ocorridos. Nesse sentido, a disputa pela hegemonia narrativa, que molda a tão conhecida "opinião pública", torna-se necessária nesse cenário digital, exercendo influência direta sobre o desfecho das operações, sejam elas militares ou não (COMISSÃO EUROPEIA, 2018b).

Como exemplo, podemos observar o ocorrido na segunda guerra do Líbano (2006), onde o *Hezbollah* adotou uma estratégia hábil ao utilizar as mídias para retratar-se como uma força de resistência, defendendo os direitos dos libaneses e palestinos em oposição à força militar israelense. Ademais, o grupo buscou controlar a narrativa do conflito, restringindo o acesso da imprensa a determinadas áreas e divulgando informações seletivas para influenciar a cobertura midiática. Essa abordagem obteve o apoio tanto da população libanesa quanto de veículos de mídia locais e internacionais, que enfatizaram os danos causados pela ofensiva israelense, exibindo imagens de civis feridos ou mortos. Assim, o *Hezbollah*, como grupo paramilitar e político, aproveitou habilmente o uso das mídias para disseminar sua narrativa e exercer influência sobre a opinião pública, com o intuito de favorecer seus próprios interesses (BRUN, 2006).

Outras características intrínsecas ao ambiente virtual, tais como o anonimato e a capacidade de negação, proporcionam um disfarce eficaz a ser habilmente explorado em uma campanha híbrida. Além disso, o reduzido custo dessas campanhas tem contribuído para uma ressurgência da desinformação como uma ferramenta de eficácia inegável por parte desses atores (FIOTT; PARKES, 2019).

Ademais, as ameaças híbridas podem acarretar uma séria vulnerabilidade tanto à segurança cibernética quanto à privacidade das informações. Mediante a implementação de sofisticados ataques cibernéticos, tais como invasões, furtos de dados e sabotagens de infraestruturas digitais, esses agentes possuem a habilidade de comprometer sistemas e redes vitais, instaurando uma potencial ameaça à confiança depositada na tecnologia, à estabilidade econômica e à segurança nacional (FIOTT; PARKES, 2019).

Outro aspecto relevante é a utilização das redes sociais e plataformas *online* como ferramentas para recrutamento, radicalização e coordenação de atividades ilícitas. A disseminação de ideologias extremistas, o recrutamento de combatentes estrangeiros e a

coordenação de ataques terroristas são exemplos de como as ameaças híbridas se aproveitam do ambiente informacional para atingir seus objetivos (FIOTT; PARKES, 2019).

Pelos fatos apresentados, percebemos que a frente de batalha não está mais restrita a um único local geográfico. A convergência de conflitos físicos, virtuais e psicológicos cria um campo de batalha distribuído em múltiplos domínios, onde a interconexão entre o mundo físico e o digital tornou-se um terreno fértil para táticas e estratégias complexas, que combinam elementos cibernéticos, informacionais e convencionais. Além disso, a natureza em rede da sociedade moderna mostra que a linha de frente pode ser em qualquer lugar onde haja um alvo vulnerável, seja uma infraestrutura crítica, um sistema de defesa nacional ou mesmo a mente de um indivíduo. Isso significa que as Forças Armadas devem ser capazes de operar em múltiplos domínios, trabalhar em estreita colaboração e estar prontas para responder rapidamente a uma ampla variedade de ameaças.

Portanto, podemos concluir, de maneira incontestável, que as ameaças híbridas encontram-se intrinsecamente entrelaçadas ao ambiente informacional, explorando habilmente as tecnologias e os meios de comunicação disponíveis para alcançar seus objetivos. Diante dessa realidade, verificamos a necessidade dos Estados se preparem devidamente para enfrentar esses novos desafios, os quais transcendem a mera aplicação do poder militar convencional. Nesse contexto, um dos obstáculos consiste na identificação precisa das ações perpetradas, seguida de uma estratégia proativa que aborde não apenas as consequências imediatas, mas também as raízes e os fatores subjacentes que alimentam tais ameaças.

À luz das considerações apresentadas, percebemos a necessidade de se estabelecer diretrizes sólidas e eficazes para o enfrentamento dessas ameaças. Nesse sentido, o próximo capítulo proporcionará uma análise dessas diretrizes, buscando fortalecer a resiliência e mitigar os impactos decorrentes dessa nova realidade. Por meio dessas recomendações, pretende-se oferecer um arcabouço conceitual e prático que viabilize um enfrentamento eficiente das ameaças híbridas no ambiente informacional.

5 ENFRENTAMENTO ÀS AMEAÇAS HÍBRIDAS NO AMBIENTE INFORMACIONAL

Nessa conjuntura complexa mencionada anteriormente, é importante reconhecer que as ameaças híbridas, principalmente no ambiente informacional, possuem um potencial significativo para prejudicar a coesão social de uma nação, podendo até mesmo enfraquecer os objetivos fundamentais do país. Lidar com essas ameaças vão além do uso exclusivo do poder armado, uma vez que exige ações em áreas que não são tradicionalmente abrangidas pela esfera militar. No entanto, em certas situações, a capacidade bélica, a operacionalidade e a prontidão das forças se fazem necessárias para enfrentar tais desafios. Nesse sentido, algumas formas de combater a guerra híbrida podem ser destacadas para fortalecer a atuação das Forças Armadas diante desses novos cenários:

Em primeiro lugar, as Forças Armadas devem se adaptar às mudanças tecnológicas e às novas formas de conflito presentes no ambiente informacional. Isso inclui investimentos em capacitação de pessoal e prevenção, adotando medidas para aumentar a resiliência de seus sistemas e setores de segurança (PINDJÁK, 2014).

Um segundo passo é o fortalecimento da cooperação e da coordenação entre os atores envolvidos, como: governos, Forças Armadas, empresas de tecnologia, organizações de segurança cibernética, sociedade civil e usuários das plataformas digitais, que devem trabalhar em conjunto, compartilhando informações e implementando estratégias para enfrentar tais ameaças. Ademais, as trocas de informações entre organizações internacionais, Forças Armadas e outros atores relevantes, como agências de inteligência, são essenciais para identificar e monitorar tais adversidades (PINDJÁK, 2014).

Diante dos reflexos do desenvolvimento tecnológico e principalmente do incremento do uso da Inteligência Artificial (IA), torna-se importante, também, desenvolver a promoção da transparência e da responsabilidade nas plataformas *online*. Empresas de tecnologia devem adotar políticas claras sobre o uso de dados dos usuários, combater a disseminação de conteúdo enganoso e investir em algoritmos e mecanismos de detecção avançados para identificar e remover tais conteúdos (STANLEY; CHRISTIE, 2021).

Não menos importante, a promoção da literacia informacional também é necessária, educando e conscientizando não só nossos militares, mas também a população sobre as ameaças híbridas. Nesse contexto, torna-se necessário a adoção de uma abordagem abrangente que englobe a sociedade como um todo, visando um melhor preparo diante das

instabilidades que inevitavelmente se apresentarão. Com o objetivo de fortalecer a resiliência da sociedade, a comunicação estratégica de longo prazo se destaca como a ferramenta mais eficaz para mitigar crises. Essa abordagem possibilita capacitar os indivíduos a agir de maneira proativa, reduzindo os riscos envolvidos e preparando-os previamente para lidar com eventuais emergências futuras. Ao estabelecer uma base sólida de comunicação estratégica, é possível criar um ambiente propício para ações coordenadas, disseminação efetiva de informações relevantes e engajamento de todos os segmentos da sociedade, contribuindo assim para uma resposta mais eficiente e preparada diante dos desafios que possam surgir (AIKEN, 2023).

Além disso, recomenda-se o investimento em pesquisas e desenvolvimento de tecnologias de segurança cibernética. A inovação contínua é necessária para acompanhar a evolução das ameaças híbridas e desenvolver soluções eficientes. Isso inclui a criação de ferramentas avançadas de detecção de desinformação, aprimoramento de sistemas de proteção, desenvolvimento de técnicas de criptografia e investimento em inteligência artificial para análise de padrões de comportamento suspeitos (MAZZUCCHI, 2022).

Faz-se importante, por fim, ressaltar que os pontos recomendados neste contexto não abarcam todas as nuances do tema, porém, têm o potencial de reduzir significativamente nossa exposição e mitigar, ou até mesmo impedir, diversas ameaças às quais estamos sujeitos. Portanto, essas diretrizes podem oferecer um caminho promissor para fortalecer a nossa resiliência no enfrentamento das ameaças híbridas no ambiente informacional.

6 CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, faz-se necessário ressaltar que esta dissertação foi conduzida com o objetivo de construir um sólido arcabouço teórico em torno do tema, proporcionando uma compreensão mais ampla sobre os impactos das ameaças híbridas no ambiente informacional.

Ao analisar a teoria apresentada no capítulo dois, constatamos que não existe uma definição absoluta sobre a guerra híbrida, sendo, portanto, sua descrição a melhor forma de compreendê-la. Além disso, percebemos que tanto atores estatais quanto não estatais adotam características e estratégias que mesclam diferentes tipos de guerra e priorizam suas ações especialmente no domínio virtual, na busca da concretização de seus objetivos relacionados às expressões do Poder Nacional. É relevante salientar, também, a importância atribuída pelos atores envolvidos na utilização da denominada "Zona Cinzenta" e, simultaneamente, reconhecer e aprofundar nossa compreensão acerca da dinâmica desse âmbito para que possamos desenvolver capacidades que viabilizem uma resposta hábil e efetiva perante as táticas empregada por essas ameaças.

No capítulo subsequente, após analisarmos as ações do *Hezbollah* contra Israel durante a segunda guerra do Líbano em 2006, tornou-se perceptível que o grupo paramilitar demonstrou grandes habilidades e resiliência ao infligir danos significativos a seu oponente, apesar de sua superioridade militar. Enquanto o *Hezbollah* explorava a mídia para transmitir uma imagem de resistência e defesa, a IDF lutava para controlar a narrativa e enfrentava dificuldades em transmitir sua mensagem de forma eficaz. Essa disparidade na guerra de informações acabou prejudicando a percepção pública da IDF, criando uma desvantagem estratégica para Israel, porém favorável ao *Hezbollah*, que focou sua estratégia no ambiente informacional, utilizando canais de comunicações eficazes como a mídia tradicional, redes sociais e propaganda, para conquistar a opinião pública local e principalmente internacional.

No quarto capítulo, direcionamos nossa atenção para a dimensão informacional, abordando suas perspectivas e ressaltando sua relevância dentro do contexto das ameaças híbridas. Esse ambiente virtual e globalizado, caracterizado por sua amplitude, ausência de fronteiras físicas e de difícil detecção, emergiu como um dos principais campos de atuação dessas ameaças, onde atores maliciosos têm a capacidade de disseminar desinformação, propaganda e influenciar a opinião pública de maneira ágil e ampla. A ausência de limites geográficos e a velocidade de propagação das informações tornam o ambiente informacional

altamente favorável para a disseminação de suas narrativas. Ademais, verificou-se que esse cenário propicia que as ameaças híbridas exerçam suas atividades dissimuladamente e de maneira indetectável por períodos prolongados, valendo-se de sofisticadas técnicas de cibercriminalidade e tecnologias avançadas.

No capítulo cinco, foram ressaltadas possíveis sugestões para fortificar a participação das Forças Armadas no enfrentamento desses desafios. Tais iniciativas tiveram como objetivo diminuir a fragilidade dos nossos sistemas, ampliar nossa capacidade de resistência e a habilidade de identificar e anular tais ameaças. Adicionalmente, observamos que a comunicação estratégica desempenha um papel de extrema importância nessa conjuntura, uma vez que oferece às pessoas um senso de protagonismo, além de proporcionar a sensação de controle e esperança para o futuro.

É fundamental ressaltar que a evolução contínua na condução da guerra e a adoção de métodos inovadores demandam uma constante atualização dos nossos procedimentos e doutrinas. Aprofundar a compreensão das nuances e das peculiaridades desse tipo de conflito, aliada à habilidade de antecipar e adaptar-se às suas estratégias e táticas, viabilizará um melhor entendimento e uma forma mais eficaz de enfrentar tais desafios.

Concluimos, portanto, que a influência das ameaças híbridas no ambiente informacional é uma realidade incontestável, como pode ser percebido na análise do conflito entre Israel e o *Hezbollah* em 2006. Nesse sentido, verificamos que a capacidade de antecipar e se adaptar a tais ameaças torna-se essencial para as operações militares, uma vez que o futuro delas está intrinsecamente ligado à habilidade de lidar com os desafios impostos nesse contexto.

Por fim, a evolução da forma de se fazer guerra, denominada guerra híbrida, tem sido cada vez mais utilizada no ambiente informacional. Posto que esse ambiente apresenta características propícias para a utilização de técnicas como propaganda, manipulação de narrativas e emprego de *bots*¹⁵, visando disseminar informações falsas, ou distorcidas, com intuito de alcançar seus objetivos políticos, militares ou ideológicos. Nesse sentido, esta dissertação cumpriu o seu propósito, respondendo à indagação primordial da pesquisa, ao

¹⁵ *Bots* - abreviação de "robôs" ou "agentes automáticos", referem-se a programas de computador projetados para executar tarefas automatizadas de maneira autônoma (HANSEN, 2017).

expor como tais ameaças vem moldando e influenciando o ambiente informacional por meio de suas ações e perspectivas.

Como sugestão para futuros trabalhos, recomenda-se o estudo de novas contendas relacionadas ao tema, particularmente as de caráter contemporâneo, com objetivo de aprofundar a compreensão sobre o assunto e contribuir para uma doutrina cada vez mais sólida e holística.

REFERÊNCIAS

- AIKEN, Alex. "*The power of information to build resilience in a volatile world*". mai. 2023. Disponível em: <<https://www.nato.int/docu/review/articles/2023/05/24/the-power-of-information-to-build-resilience-in-a-volatile-world/index.html>>. Acesso em: 03 jul. 2023.
- BRUN, Itai. "*The Second Lebanon War, 2006*". In: OLSEN, John Andreas (ed.). *A History of Air Warfare*. Washington, DC: Potomac Books, Inc., 2010. p. 297.
- BRASIL. Estado-Maior da Armada. *EMA-335: Doutrina de Operações de Informação*. Rio de Janeiro, 2018.
- _____. Ministério da Defesa. Glossário das Forças Armadas: *MD 35-G-01*. 5. ed. Brasília, DF, 2015.
- BRENNEN, Lisa. *Hezbollah: Psychological Warfare Against Israel*. Naval Postgraduate School. Monterey, California. mar.2009. Disponível: <<https://apps.dtic/tr/fulltext/u2/a496916.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2023.
- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. Tradução de Magda Lopes e Maria Tereza Lopes Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- COMISSAO EUROPEIA. *UE Code of Practice on Disinformation*. Bruxelas, 2018b. Disponível em: <<https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/news/code-practice-disinformation>>. Acesso em: 08 jun. 2023.
- FIOTT, Daniel; PARKES, Roderick. *Protecting Europe - The UE's response to hybrid threats*. Paris: *European Union Institute for Security Studies*, abr. 2019. 53 p. Disponível em: <https://www.iss.europa.eu/sites/default/files/EUISSFiles/CP_151.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2023.
- GAMBILL, Gary C. *Implications of the Israel-Hezbollah War*. *Mideast Monitor*. sep./oct. 2006.
- GAPO, Gustavo Ferreira, 2011. *As Guerras de Quarta Geração*. Trabalho de Investigação Individual, do Curso de Estado-Maior Conjunto do Instituto de Estudos Superiores Militares. Lisboa, Portugal, 2011.
- GARCIA, F. P. *As Ameaças Transnacionais e a Segurança dos Estados*. *Negócios Estrangeiros*, Lisboa, n. 9.1, Março 2006.
- GARDNER, Hall (2015), "*Hybrid Warfare: Iranian and Russian Versions of "Little Green Men" and Contemporary Conflict*", Research Paper.
- GRAND STRATEGY. *Hybrid Warfare*. Out. 2014. Disponível em: <<https://geopolicraticus.wordpress.com/2014/10/07/hybrid-warfare/>>. Acesso em: 07 abr. 2023.

HAMMES, Thomas X. *The sling and the stone: on war in the 21st century*. St. Paul: Zenith Press, 2006.

HANSEN, Lene; BENSON, Liz. Bots. In: *International Encyclopedia of Communication*. John Wiley & Sons, Ltd, 2017.

HARP, TC. James F. *The Evolution of the Trinity: a 21st Century "Hybrid" War Theory*. U.S. Army Command and General Staff College, 2011.

HMD, Equipe. "Guerra Híbrida: Conceito, Evolução Concepcional, Controvérsias Acadêmicas e Doutrina Polemológica". Jul. 2023. Disponível em: <<https://historiamilitaremdebate.com.br/guerra-hibrida-conceito-evolucao-concepcional-controversias-academicas-e-doutrina-polemologica/>>. Acesso em: 03 jul. 2023.

HOFFMAN, Frank G. *Conflict in the 21st Century: The Rise of Hybrid Wars*. Potomac Institute for Policy Studies, Arlington, Virginia, 2007. Disponível em: <http://www.potomacinstitute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2023.

_____(2009), "Hybrid vs. compound war The Janus choice: Defining today's multifaceted conflict", *Armed Forces Journal*, Washington DC, pp.15.

HOFFMAN, Frank G. "Examining Complex Forms of Conflict: Gray Zone and Hybrid Challenges." *PRISM*, vol. 7, no. 4, 2018, pp. 31-47.

HYBRID COE. *European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats. Hybrid Threats*. [Online]. Disponível em: <<https://www.hybridcoe.fi/hybrid-threats-as-a-phenomenon/>>. Acesso em: 02 jul. 2023.

HYBRID COE. *European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats. Hybrid Threats*. [Online]. Disponível em: <<https://www.hybridcoe.fi/news/hybrid-threats-hybrid-response-conference-focused-on-ways-to-combat-hybrid-threats/>>. Acesso em: 02 jul. 2023.

JACOBS, Andreas, LASCONJARIAS, Guillaume (2015), "NATO's Hybrid Flanks Handling Unconventional Warfare in the South and the East", Research Paper.

JOMINI, Antoine-Henri. *A Arte da Guerra*. Tradução de Fernando Carlos C. da Matta. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

KJENNERUD Erik, CULLEN Patrick. What is Hybrid Warfare. Norwegian Institute of International Affairs. Policy Brief, 2016.

KORYBKO, Andrew. *Guerras Híbridadas: das revoluções coloridas aos Golpes*. Tradução de Thyago Antunes, 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. *Unrestricted Warfare*. PLA Literature and Arts Publishing House, February 1999. Disponível em: <<https://www.c4i.org/unrestricted.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

LIND, William S. e NIGHTENGALE, Colonel Keith. *The Changing Face of War: Into the Fourth Generation*. Marine Corps Gazette, 1989.

LIDDELL HART, Basil Henry. *Estratégia Indireta*. Tradução de Osny Duarte Pereira. Rio de Janeiro: Bibliex, 1998.

LINDERMANN, Marc. Laboratório de Assimetria: *A Guerra do Líbano de 2006 e a Evolução das Táticas Terrestres Iranianas*. Military Review, set./out. 2010.

MACHADO, Rafael Rodrigo. *Guerra Fria: História de uma Guerra Não Declarada*. São Paulo: Editora Alameda, 2015.

MAZZUCCHI, Nicolas. *Hybrid CoE Paper 14 AI-based technologies in hybrid conflict: The future of influence operations*. European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats. Hybrid Threats. jun. 2022. Disponível em: <<https://www.hybridcoe.fi/publications/hybrid-coe-paper-14-ai-based-technologies-in-hybrid-conflict-the-future-of-influence-operations/>>. Acesso em 02 jul. 2023.

MEIHY, Murilo. *Os libaneses*. São Paulo: Contexto, 2016.

MONAGHAN, S. (2019). *Countering Hybrid Warfare So What for the Future Joint Force?* PRISM, 8(2), 82–98.

NAKHLEH, Hany T. *The 2006 Israeli War on Lebanon: Analysis and Strategic Implications*. U.S. Army War College, Philadelphia, United States of America. mar. 2007. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a468848.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2023.

NEMETH, William J. *Future War and Chechnya: a Case for Hybrid Warfare*. 2002. 100 f. Tese - Naval Postgraduate School, Monterey, California, 2002. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/36699567.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

NORTON, Augustus Richard. *Hezbollah, A Short History*. Princeton University Press. Princeton and Oxford. Princeton, New Jersey, United States of America; Oxford, United Kingdom, 2007.

PALMER, Diego A. (2015), "Back to the future? Russia's hybrid warfare, revolutions in military affairs, and Cold War comparisons", Research Paper.

PARSI, Trita. *Treacherous Alliance: The Secret Dealings of Israel, Iran, and the United States*. New Haven: Yale University Press, 2007.

PINDJÁK, Peter. *Deterring Hybrid Warfare: a Chance for NATO and the EU to Work Together?* Disponível em: <<https://www.nato.int/docu/review/articles/2014/11/18/deterring-hybrid->

warfare-a-chance-for-nato-and-the-eu-to-work-together/index.html>. Acesso em: 03 jul. 2023.

QASSEM, Naim. Hizbullah: *The Story from Within*. 3. ed. Londres: Editora Saqi, 2010.

SANTOS VIEIRA DE JESUS, Diego. "O baile do monstro: o mito da paz de Vestfália na história das relações internacionais modernas". *História* (São Paulo), v. 29, p. 221-232, 2010.

STANLEY, Zoe; CHRISTIE, Matthew. "An Artificial Intelligence Strategy for NATO". Outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.nato.int/docu/review/articles/2021/10/25/an-artificial-intelligence-strategy-for-nato/index.html>>. Acesso em: 03 jul. 2023.

Transnational Security Report, 2019. In: *Munich Security Conference*. 55th, 2019, Munich. Proceedings [...]. Munich: [S.n.], 2019.

TZU, Sun. *A Arte da Guerra*. Tradução de André D. Caroli. São Paulo: Martin Claret, 2002.

VISACRO, Alessandro. *A guerra na era da informação*. São Paulo: Contexto, 2018. 215p.

WILSON, Gary I. *The Changing Face of War: Into the Fourth Generation*. Marine Corps Gazette, out. 1989, p. 22-26. Disponível em: <<https://globalguerrillas.typepad.com/lind/thechanging-face-of-war-into-the-fourth-generation.html/>>. Acesso em: 01 abr. 2023.